

JOVENS NEGROS, FUTEBOL, EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS: O PROJETO ESPORTIVO DIGORESTE – CUIABÁ, MT

BRITTO, Walfredo Ferreira de¹ – UFMT – walfredobritto@terra.com.br

GT: Afro-Brasileiros e Educação / n.21

Agência Financiadora: Sem Financiamento

A origem deste trabalho reporta a nossa trajetória pessoal de negro, ex-atleta de futebol e educador, cujo percurso profissional sempre foi permeado por uma forte influência familiar em que estava presente a valorização da escola e da prática esportiva.

O projeto de práticas esportivas DIGORESTE NOS ESPORTES sob a responsabilidade da Diretoria de Desporto e Lazer – DIDEL, vinculada à Secretaria Municipal de Educação Desporto e Lazer de Cuiabá-MT, que objetiva revelar talentos na modalidade esportiva de futebol, tendo a educação e a integração de crianças e adolescentes como prioridade, foi o espaço pedagógico onde buscamos subsídios no sentido de entender os possíveis caminhos que podem ser abertos para a afirmação profissional e social dos jovens negros, a partir da educação e da prática esportiva orientada.

Centrando nosso foco nos jovens negros inseridos no projeto, buscamos investigar a forma como concebem ou não a possibilidade de realizar suas perspectivas profissionais e educacionais futuras. Se o projeto possibilita realmente um processo de valorização do jovem atleta negro e de que forma as suas condições sociais interferem em sua participação; se estes jovens atletas expressam ou não uma percepção de sua condição racial e o que os diferenciariam em suas expectativas e ações. Cuidando também em verificar se o projeto se preocupa em trabalhar temáticas como discriminação e preconceito.

Para a realização deste trabalho, desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa, onde num primeiro momento, realizamos um estudo bibliográfico no sentido de elaborar um melhor entendimento sobre o futebol e as relações raciais. Para discutir o envolvimento do jovem negro com o futebol utilizamos os estudos de Daolio, Mario Filho, Lever e Vieira. Para discutir de modo mais específico as questões raciais recorremos a Valente, Moura, Guimarães, D'Adesky, Moema De Poli e Oliveira. Realizamos, também, uma leitura do Projeto Digoreste para entendermos sua organização, funcionamento e fundamentos pedagógicos. O termo DIGORESTE que dá a denominação do projeto vem de uma expressão popular cuiabana que significa ÓTIMO.

A modalidade futebol, no Projeto Digoreste, funciona em cinco bairros da cidade,

¹ BRITTO, Walfredo Ferreira de. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará.

utilizando o espaço comunitário esportivo dos miniestádios. Os bairros selecionados formam os cinco pólos de atuação da modalidade no projeto. A escolha dos bairros obedeceu a um critério de distribuição que procura atender regiões diferenciadas da cidade. Os pólos estão localizados nos bairros: CPA I, Jardim Paulista, Santa Izabel, Jardim Vitória e Santa Laura.

Foi realizado um levantamento dos jovens negros na faixa etária de 14 a 17 anos, inscritos no projeto no ano de 2005 em cada um dos pólos. Essa seleção dos atletas se deu através do quesito cor. A identificação foi realizada através da observação direta do pesquisador.

Posteriormente, elaborou-se um questionário que foi respondido pelos jovens atletas negros selecionados. Este procedimento teve como objetivo investigar aspectos da escolarização; da relação com o futebol e da percepção da relação racial dos jovens atletas negros. Caracterizando-os e coletando informações com relação a sua origem familiar, situação socioeconômica e escolar, projetos profissionais e de ascensão social pela prática do futebol. Verificou-se, também, como compreendem questões relacionadas ao preconceito e à discriminação racial e se percebem negros. Foi de fundamental importância a participação do entrevistador como um interlocutor presente e ativo. Concluída esta etapa, passamos à análise do material empírico coletado, tomando por base o referencial teórico utilizado.

Mostramos como se deu o nosso processo pessoal de envolvimento com o futebol para, em seguida, desenvolver uma exposição sobre como ocorreu historicamente e o significado da relação do negro com o futebol.

Descrevemos como ocorre a participação do jovem negro no Projeto Digoreste, procurando situar essa participação no contexto de sua inserção em uma cidade que tem expressiva população negra. Além disso, mostra-se a organização, a dinâmica de funcionamento e o papel da modalidade futebol no projeto.

Procedemos à análise dos dados empíricos coletados, procurando mostrar aspectos da escolarização, do envolvimento com o futebol e da percepção das relações raciais dos jovens atletas negros participantes do Digoreste.

Finalmente, apresenta-se a conclusão que mostra que projetos como o Digoreste apesar de toda a fundamentação pedagógica de caráter filosófico em torno do desenvolvimento da criança e do jovem com a prática esportiva não manifestam uma preocupação com as relações raciais, não havendo qualquer menção a este tema na proposta do Projeto. Os educadores do projeto não trabalham com a perspectiva da eliminação de preconceitos e de discriminações raciais, ainda que receba em suas fileiras um número significativo de jovens negros.

Estudos e pesquisas recentes, desenvolvidas em Mato Grosso, dão conta de que este Estado possui um contingente expressivo de negros com peculiaridades próprias que merecem ser estudados.

Destaque deve ser dado aos trabalhos realizados por Maria de Lourdes Bandeira Delamônica Freire sobre comunidades de negros existentes no Estado como Vila Bela, Mata Cavalos e Livramento enquanto referências precursoras de estudos sobre as relações raciais em Mato Grosso.

Atualmente estudos sobre negros em Mato Grosso têm sido desenvolvidos em especial no Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Relações Raciais e Educação. Criado em 2000 esse Núcleo coordenado por Maria Lúcia Rodrigues Müller já produziu cerca de 14 dissertações sobre a temática no Programa de Pós Graduação da UFMT.

Vale ressaltar ainda os recentes trabalhos de Andrea Santos (2005), que estudou a presença de jovens negros no ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos – EJA e Marilane Costa (2004), que pesquisou a formação da consciência política da pequena burguesia negra cuiabana.

Costa (2004) argumenta que os negros sempre tiveram presença marcante no Estado, com forte contribuição cultural: *“outro aspecto que leva-nos a fazer tal afirmação está relacionada às festas e manifestações culturais que, conforme constatamos, sempre estiveram presentes na comunidade mato-grossense”* (COSTA, 2004, p. 29).

No relato de alguns negros em ascensão social em Cuiabá, presentes no estudo de Costa (2004), os mesmos compreendem que a juventude é um momento mágico na vida, entretanto, passageiro. Consideram que os jovens atualmente são pouco esclarecidos e que deveriam receber mais orientações e acompanhamentos psicológicos para enfrentarem o período de transição e de conflitos que são comuns nesta etapa da vida. Preocupam-se com o referencial de modernidade incutido na juventude que, segundo o entendimento, não é o referencial de Brasil, mas sim da influência norte-americana.

A própria trajetória destes negros em ascensão, ainda na juventude, na sociedade cuiabana, foi marcada pelos conflitos típicos da adolescência, que segundo relatam, foi enfrentada com uma rebeldia saudável, na busca pelo novo, pelo diferente, canalizando essa energia juvenil para os estudos, a busca pela independência e alguns para a formação política e militância no movimento estudantil.

Representantes de uma outra geração, não são as suas trajetórias de juventude que se aproximam dos jovens negros pesquisados no Projeto Digoreste, mas sim a opinião e a preocupação que os mesmos demonstram com a juventude na atualidade, considerando que os

jovens negros de outrora, com suas ações e pensamentos contribuíram, ainda que indiretamente, para o avanço e para a visibilidade dos negros e de seus problemas na sociedade, conforme analisa Costa (2004).

As transformações constantes na/da sociedade e conseqüentemente da juventude, tem despertado cada vez mais o interesse de pesquisadores sobre o tema. A própria Universidade Federal de Mato Grosso, recebe o grupo de pesquisa Educação, Jovens e Democracia, ligado à linha de pesquisa de movimentos sociais, que tem se dedicado a estudar a juventude mato-grossense.

Nesse sentido estudar a presença de negros em um projeto esportivo que tem a intenção de articular educação e esportes em Cuiabá se inscreve na perspectiva desses estudos que procuram revelar dimensões das relações raciais em Mato Grosso.

O Projeto Digoreste nos Esportes, criado em 2005, tem sua origem em outro projeto desenvolvido anteriormente pela Secretaria Especial de Desporto e Lazer - SEDEL denominado Bom de Bola Bom de Escola.

Para tanto, a Prefeitura Municipal de Cuiabá e a Secretaria Especial de Desporto e Lazer, numa parceria com as Secretarias Municipais de Educação, Cultura, Bem Estar Social, Saúde, Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania e iniciativa privada, construíram 21 mini-estádios de futebol, para a implantação do Bom de Bola, Bom de Escola.

Inicialmente o Bom de Bola, Bom de Escola funcionava em 03 (três) mini-estádios localizados nos bairros: CPA I, Jardim Universitário e Jardim Paulista, atendendo a, aproximadamente 600 (seiscentas) crianças e adolescentes.

Posteriormente, o Projeto passou a contar com uma estrutura de 24 (vinte e quatro) mini-estádios e 17 (dezessete) Centros Esportivos e Áreas de Lazer, atendendo cerca de 4.800 (quatro mil e oitocentas) crianças e adolescentes na faixa etária de 06 a 17 anos de idade. Sua implantação foi gradativa, na medida em que as obras dos mini-estádios foram sendo concluídas.

Outro objetivo do Bom de Bola, Bom de Escola era procurar proporcionar às ex-jogadores profissionais de futebol dos clubes de Mato Grosso a reinclusão no mercado de trabalho, como monitores/ recreadores, emprestando seus conhecimentos e experiência ao referido projeto.

Podemos citar, o fortalecimento das relações familiares, a revelação de novos talentos na modalidade, oportunizando ao adolescente descobrir a sua vocação profissional e seu talento para a prática esportiva, a promoção da saúde, inculcando a aquisição e prática de hábitos de higiene saudáveis, é também objetivo do projeto.

Sobre os aspectos pedagógicos, ressalta-se o acompanhamento do desempenho escolar dos alunos, evitando a evasão escolar, com bases pedagógicas e científicas consistentes.

O “Projeto Digoreste nos Esporte” congregava, quando da realização desta pesquisa 890, jovens na modalidade de futebol ,distribuídos pelos cinco pólos: CPA I, Jardim Vitória, Jardim Paulista, Jardim Santa Izabel e Jardim Santa Laura.Foram selecionados 64 jovens negros entre 14 a 17 anos.

Movido pela intenção de oferecer às crianças e adolescentes desses bairros periféricos de Cuiabá, uma alternativa formadora, utilizando práticas esportivas, este Programa comunitário, de desenvolvimento educacional, está voltado para o esporte, basicamente para crianças e adolescentes.

Foi feita, em cada um dos Pólos pesquisados, uma seleção dos jovens negros para aplicação de questionário fechado com 27 perguntas versando sobre escolarização, relação com o futebol e relação racial. O critério para seleção foi feito por observação direta do pesquisador. Essa opção foi referenciada pela própria condição racial do pesquisador e também levando em conta o trabalho de Petruccelli, a Cor Denominada.

A análise a seguir, está agrupada com os resultados obtidos nos cinco pólos pesquisados e trará os temas abordados no questionário e respondidos pelos jovens negros. Estes temas consistem em aspectos da escolarização; relação com o futebol e relação racial.

Referente à escolaridade dos pais dos sujeitos pesquisados predomina o ensino fundamental e médio; tendo as mães menor nível de escolarização. Este dado é explorado por muitos autores como Iolanda Oliveira, d’Adesky e Valente que analisam que o tempo de permanência dos negros na escola é menor que o dos brancos, sobretudo as mulheres:

As relações desiguais presentes na sociedade brasileira ocupam todos os espaços, mesmo o escolar. O preconceito e a discriminação raciais podem ser notados nas relações pessoais e até nos livros didáticos” (VALENTE, 1994, p. 51).

Os pais dos jovens negros pesquisados possuem ocupação profissional definida, havendo em geral, uma incidência para a carreira militar, autônomos, e profissionais de serviços básicos. Em geral, as mães dos jovens negros exercem a função do lar ou profissões relacionadas como empregadas domésticas 35%, autônomas 27%, professoras 18% e não declarou 20%. Ainda que significativamente menor, encontramos 13,11% de pais e 11% de mães com formação de nível universitário. Pelo menos nesse universo de jovens do Digoreste o indício é de que eles pertencem a famílias estruturadas, o que aponta para um

questionamento do estereótipo de que as famílias negras são desestruturadas e não têm compromissos com a formação de seus filhos.

Os jovens são majoritariamente oriundos de escola pública. Levando-se em consideração que a educação brasileira, elitizada desde o princípio e com forte ampliação do setor privado é excludente por natureza, conclui-se que no tocante aos diferentes, especialmente aos negros, os espaços a eles destinados não são os mesmos dos brancos. É o que afirma Valente (2002), ao discorrer sobre a presença de negros no espaço escolar quando considera que a escola não está preparada para lidar com essas diferenças. É o que faz com que as crianças negras, muitas vezes, fiquem isoladas numa sala de aula. Isto ocorre, segundo ela, pela interferência dos adultos que cultivam idéias negativas sobre os negros; e no espaço escolar este tipo de discriminação e preconceito se aprofunda, com a contribuição dos professores, que nada fazem para diminuir ou erradicar estas posturas.

Levando-se em consideração que, em média, um aluno na 7^a, 8^a séries tem entre 13 e 14 anos, e tendo sido estas séries as de maior predominância, entre os pesquisados, e este estudo versar sobre jovens negros na faixa etária entre 14 a 17 anos, constatamos que existe um número significativo, , de jovens matriculados em séries não condizentes com a sua faixa etária, como é o caso dos jovens que se encontram cursando a 4^a e 5^a e 6^a séries do ensino fundamental. Constatamos ainda, que é pequena a presença de jovens negros do ensino médio no Projeto Digoreste.

O maior percentual de alunos refere-se aos matriculados no turno vespertino, seguidos do turno matutino. Estes dados, segundo nossa análise, estão relacionados com a série e a faixa etária dos jovens pesquisados; os percentuais de jovens matriculados no turno noturnos são aqueles que, em geral, ou estão cursando o ensino médio, ou não se encontram compatíveis com a idade/série.

Praticamente todos eles pretendem continuar os estudos prestando vestibular e dando seguimento aos seus projetos de formação escolar. Muitos pesquisadores, dos quais podemos citar Moema de Poli, mostram que existe uma permanente preocupação por parte dos jovens negros em ter cada vez mais acesso ao ensino superior.

A busca por níveis mais elevados de educação formal também tem sido historicamente umas das lutas travadas pelo movimento negro no Brasil. Os estudos e pesquisas sobre a situação dos negros na sociedade brasileira têm revelado ser a educação tradicionalmente um dos principais instrumentos capazes de promover a ascensão social e econômica do negro na busca de uma maior igualdade com os brancos (MOEMA DE POLI, 2003, p. 23).

Brooke (2002, p. 153), discorrendo sobre as perspectivas de estudo para os negros enfatiza: “Enquanto isto, no Brasil, pelos dados do provão, somente 2.2% dos que cursam o ensino superior no Brasil são negros”.

Ainda distantes deste debate e sem ter conhecimento preciso sobre a polêmica em torno do ingresso de negros no ensino superior brasileiro, os jovens pesquisados seguem fazendo planos para ingressarem em cursos de graduação em universidade ou faculdades.

Apesar de a maioria dos jovens pesquisados, ter respondido que pretende dar continuidade aos estudos e prestar vestibular, ingressando, assim, no ensino superior, 35% deles não responderam à questão sobre o curso em que pretendem ingressar e outros 11.2% disseram não ter se decidido ainda. Na verdade, analisamos o fato de os jovens não responderem à questão como um indicativo de indecisão, quanto ao curso a ser escolhido.

Os cursos que aparecem com maior percentual de escolhas são: direito, ciências da computação e medicina, respectivamente. Estes têm sido cursos de grande concorrência em todos os vestibulares realizados pelas universidades brasileiras; Mato Grosso não foge à regra. No campo das licenciaturas, letras é o curso de maior escolha. Estas aspirações educacionais não impedem, porém, que os jovens negros também tracem seus projetos em relação ao futebol.

Abordamos questões inerentes à prática do futebol pelos jovens negros pesquisados. Aqui eles respondem a questões sobre quem os inscreveu no Projeto, quando e onde começaram a jogar futebol, pretensões futuras e quem os influenciou na iniciação deste esporte.

A família é a principal incentivadora da prática esportiva e a responsável pelo ingresso no Programa. A motivação da família e dos jovens atletas é impulsionada pela possibilidade de ascensão social através do futebol, talvez sendo esse o motivo pelo qual a maioria dos sujeitos pretende jogar profissionalmente, já que compreendem o futebol como uma possibilidade real de ascenderem social e economicamente. Para Valente: “A ascensão social do negro devida ao destaque no esporte e na música é fato comum no Brasil”

Da mesma forma que a família é a principal responsável pela iniciação dos jovens no Projeto Digoreste, são os amigos os companheiros iniciais nesta trajetória de sonhos e esperanças. O que se justifica, uma vez que família e amigos são da mesma rede de relações sociais.

Começaram a jogar futebol influenciados pela família, , entre 5 e 10 anos; com os amigos na rua e bairro onde moram. O segundo espaço mais representativo coube à escola,

vindo posteriormente das quadras esportivas e por último os espaços oferecidos por programas institucionais. A presença da família, dos amigos e da comunidade onde vivem é muito forte, o que nos remete a indagações sobre a estrutura da família negra que, pelos dados obtidos demonstra forte presença na vida dos filhos.

Os resultados encontrados nesta pesquisa relativos à faixa etária em que os jovens negros começaram a jogar futebol, coincidem com os resultados da pesquisa de Vieira (2001), desenvolvida no Rio de Janeiro, que também constatou que seus sujeitos começaram a jogar futebol precocemente. Aos 18, 19 anos já iniciavam na carreira de jogadores profissionais. Segundo ele “De maneira já conhecida, os jogadores iniciam sua vida profissional em torno dos 18 ou 19 anos e encerram suas carreiras como desportistas ao atingirem a idade aproximada de 35 a 36 anos”.

Os jovens negros pesquisados têm uma avaliação muito boa de seu desempenho no futebol. E segundo a observação realizada pelo pesquisador, eles de fato detêm rara habilidade no trato com os fundamentos do futebol, numa demonstração, em suas performances esportivas, de momentos de intensa alegria.

Estimulados por este espírito de felicidade e descobertas, não é à toa que os pesquisados demonstram vontade de dar continuidade a sua relação com o futebol, transformando a relação pedagógica em relação profissional.

80.65% dos pesquisados pretendem jogar profissionalmente e 12.90% disseram ainda não ter se decidido. Como estes jovens têm uma avaliação positiva de seu desempenho, consideramos natural que os mesmos tenham feito a opção de darem prosseguimento a sua relação com o futebol, pelo menos, no momento, quando ainda estão sugestionados pela prática cotidiana do Projeto; influenciados e estimulados pela família, amigos, colegas e também pelos ídolos do futebol, que no Brasil, com uma seleção pentacampeã é detentora dos “*melhores jogadores do mundo*”.

Novamente a família tem presença marcante na vida destes jovens que declaram ter sido influenciados pela mesma, corroborando os comentários relativos aos locais onde começaram a jogar com predomínio de rua/bairro onde moram com seus familiares. Os ídolos têm uma influência bem menor na vida dos pesquisados, representando 12.90%.

Sobre este aspecto, a grande maioria dos pesquisados respondeu acreditar que o futebol pode ser um passaporte para o sucesso. Este acontecimento, porém, só será possível se conseguirem ingressar em equipes profissionais de futebol de projeção estadual ou nacional.

Até que isto aconteça, há um longo caminho a ser trilhado e, neste ínterim, os jovens negros pesquisados ainda enfrentarão muitos revezes, responderão, ou não, a muitas

questões que lhes serão apresentadas; entre elas está o debate sobre as relações raciais que lhes foi apresentado, em forma de questionário pelo pesquisador deste estudo.

A maioria dos sujeitos se autodenominou negro - 51.62%; pardo - 29.03%; branco - 8.06% e responderam “outros” - 11.29%. Consideramos importante a resposta dos que se identificaram espontaneamente como negros; isso demonstra que estes jovens se assumem como tal. Quanto àqueles que se identificaram como pardos e “outros”, consideramos compreensível, principalmente se levarmos em conta que se trata de jovens ainda em formação e sem domínio dos debates sobre as relações raciais; daí a indefinição dos mesmos ao se autodenominarem.

Esta incerteza de autodenominação presente não só entre os jovens pesquisados, mas, na população brasileira também atinge os pesquisadores do tema:

A multiplicidade de termos designativos da cor aparece, contemporaneamente, como reflexo do caráter primariamente subjetivo dessa identificação, evidenciando ao mesmo tempo, a defasagem entre o campo dos atores sociais e o campo dos estudiosos desta problemática” (PETRUCCELLI, 2000, p. 39).

Da mesma forma, entre os que se identificam como brancos, pudemos constatar que se trata de jovens com a cor de pele mais clara que a dos demais pesquisados; entretanto, segundo estudiosos do tema das relações raciais, presentes nesta dissertação, os mesmos estariam enquadrados entre os negros e ou afrodescendentes. Ao negarem sua verdadeira origem, na verdade, estes jovens estão negando todo o processo histórico de escravidão, preconceito e discriminação aos quais os negros estiveram submetidos, e mais, é uma tentativa de fugirem das condições sociais precárias que, em geral, é destinada a esta parcela da sociedade.

Afirmam não terem sido discriminados, apesar de concordarem que existe discriminação racial no Brasil.

Essa dificuldade de se perceberem discriminados ou não, segundo nossa análise, está relacionada a pouca compreensão que os jovens negros têm dos mecanismos de discriminação e preconceito.

No caso dos negros, o preconceito e a discriminação tomam proporções maiores, na medida em que não há como eles escaparem da sua ação. Ou seja, não há como um negro ou descendente seu negar que é negro, que pertence ao grupo. Para isso, seria preciso o negro abrir mão do próprio combate a essas formas de preconceito e discriminação, como se tudo não passasse de simples brincadeira (VALENTE, 2002, p. 48).

Estas ações discriminatórias e preconceituosas encontram eco em diversos setores e espaços da sociedade. O preconceito e a discriminação acontecem nos locais de lazer, na escola e, também, no mercado de trabalho.

Um exemplo de preconceito e discriminação muito comum sofrido por negros refere-se aos apelidos fortes, pejorativos que lhes são conferidos. Quando esses apelidos são atribuídos ainda na infância, é quase certo que esta carga emocional advinda com o apelido, irá perseguir o indivíduo por toda a sua existência.

O relato do médico Cléber Silva, registrado na pesquisa de Marilane Alves Costa é um exemplo de como os apelidos são marcantes:

Apelidos? Já tive apelido né? Meu apelido de infância é Binho! (...) Outros apelidos geralmente são assim é... relacionados à cor mesmo né? Por exemplo Azeitona, Berinjela, Fumaça, Buraco Negro; “Oh Buraco... não sei o que e tal. Então não tem nada muito fixo. É uma coisa mais relacionada à cor (COSTA, 2004).

Entre os jovens negros pesquisados, , é comum o uso de apelidos. Alguns deles verdadeiramente relacionados à questão da cor: Demônio, Bocão, Negão, Fumacinha, entre outros.

Valente (2002) ressalta que os apelidos e frases depreciativas são maldosos e quase sempre ditos baixinho; ela atribui essa situação à influência escravocrata, que classificava os negros como uma raça “inferior” e “degenerada”.

Os jovens negros pesquisados, em sua grande maioria, disseram não ter sofrido nenhum tipo de discriminação dentro do Projeto. Dos que responderam sim, 11.30%, atribuíram a ação discriminatória a colegas, professores e outros, respectivamente.

Para os jovens, estas ações estão relacionadas ao fato de serem pobres e negros. Esta associação entre classe e raça é um tema que tem rendido grandes e polêmicos debates, tanto no movimento negro como entre os estudiosos do tema, mas que aparece como uma preocupação inconsciente dos pesquisados.

Como vai se delineando neste estudo, as informações que os pesquisados possuem sobre as relações raciais são muito mais intuitivas e emocionais do que propriamente por consciência de sua condição racial . E esta “noção” que possuem sobre o tema vai se repetir ao opinarem sobre a política de cotas para o ingresso de negros em universidades brasileiras.

Sobre a questão de cotas para ingresso nas universidades, os entrevistados se dividem quanto à informação sobre as cotas. Metade sabe da existência delas e a outra metade não sabe do que se trata, ainda que atualmente, as políticas afirmativas têm tido grande

projeção nacional, sobretudo, após a criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - secretaria esta ligada diretamente à presidência da república - que vem contribuindo para a institucionalização do debate acerca do tema, mesmo ele não sendo recente.

É certo, conforme afirma Brooke (2002), que sem as políticas afirmativas as mudanças nas relações raciais serão muito mais lentas. Ao discorrer sobre as perspectivas de estudo de negros, ele defende uma intervenção mais efetiva, de forma a aumentar o acesso e a permanência do negro no sistema educacional.

Tal defesa é procedente, uma vez que para a superação das desigualdades educacionais, é preciso que haja uma intervenção, através de políticas públicas, que garantam objetivamente a igualdade de direitos entre os diferentes, da educação infantil até o ensino superior.

Os pesquisados conseguem perceber significativa presença de negros no esporte brasileiro, sobretudo no futebol. Entendem que os jogadores negros de futebol, quando ascendem, tanto podem ser mais ou menos discriminados e atribuem este fato ao sucesso alcançado pelos mesmos e à condição financeira privilegiada que conquistaram.

O que estes jovens perceberam é que poder, dinheiro e sucesso possibilitam aos jogadores de futebol ascendidos, transitarem e conviverem em espaços, antes, só permitidos aos brancos. De melhores condições e qualidade de vida para si e para os seus familiares. Ao mesmo tempo, percebem também, que os mesmos enfrentam situações de preconceito e discriminação nos espaços que passam a ocupar, uma vez que nestes espaços, os jogadores de futebol negros são uma exceção.

Apesar de haver no Projeto Digoreste toda uma fundamentação pedagógica de caráter filosófico em torno do desenvolvimento da criança e do jovem com a prática esportiva, constatamos que o mesmo não ocorre no que diz respeito às relações raciais. Não há qualquer menção a este tema na proposta do Projeto. Os seus professores não trabalham com a perspectiva da eliminação de preconceitos e de discriminações raciais, ainda que receba em suas fileiras um número significativo de jovens negros.

Mas esta não é uma imperfeição específica desse Projeto que envolve esporte e educação:

O Brasil, apesar de possuir no histórico alguns programas governamentais, como o “Esporte para Todos” que concatenava esporte e educação, e por parte do Governo Federal e da maioria das federações esportivas nacionais, entre elas destaca-se a de futebol e vôlei, estarem afirmando a importância da escola e da educação para o próprio desenvolvimento do esporte e do jogador, não se nota uma política e uma

atitude mais consistente no sentido de aliar estes dois importantes momentos na vida de qualquer indivíduo (VIEIRA, 2001, p. 239).

Digoreste nos Esportes, apesar de contribuir com a auto-estima dos jovens negros matriculados - acenando-lhes com a perspectiva de projetarem um futuro de ascensão através do futebol e procurando inculcar-lhes interesse pela continuidade nos estudos não é possível, como já afirmamos inicialmente, perceber uma contribuição do Projeto para o avanço da conscientização destes jovens sobre a sua negritude.

Sá Gonçalves (2005), baseando-se no censo do IBGE de 2000, atesta que Mato Grosso tem presença negra de 62% da população do Estado, uma presença significativa e que já foi ressaltada em outros estudos, como o de Costa (2004). Entretanto, essa presença marcante de negros em Mato Grosso não diminui a desigualdade a qual estão submetidos no âmbito da escola, que segundo a pesquisadora, continuam tendo menos acesso à educação que os brancos. Prejudicados no seu processo de escolarização através do material didático, no currículo e nas práticas pedagógicas, os negros somam os maiores índices de evasão escolar.

Vieira (2004, p. 316-317) afirma que apesar de todos os estereótipos vigentes no Brasil, os negros ainda são minorias no futebol brasileiro; a média de idade dos jogadores é de 24.1 anos, portanto, jovens. A maioria recebe até um salário mínimo. Uma grande parcela já concluiu o ensino fundamental.

Outro dado importante é que quando os atletas chegam a um clube para competir eles já sabem jogar, tendo aprendido nas ruas, campos de pelada, em escolas comunitárias ou em Projetos como o Digoreste. Hoje todos os que lidam com a formação de atletas sabem que as escolas de futebol são importante etapa para a preparação de futuros jogadores no Brasil:

A partir desta aprendizagem nos campinhos, muitos jogadores submetem-se aos famosos testes para ingressar num clube, numa tentativa de entrar tanto nas categorias de base, como para fazer parte da escolinha daquele clube. Neste último caso, esta escolinha aparece como uma forma comum e necessária para que um pretendente a jogador ingresse no clube (VIEIRA, 2004, p. 231).

A educação não atinge a todos, sobretudo os negros, Brooke (2002, p. 153) constata o que é lugar comum na vivência de muitos negros deste país: “não há dúvidas a respeito da desvantagem educacional do negro no Brasil. Dados recentes do IPEA confirmam o que já se sabia”.

Acreditamos que muitas das dificuldades encontradas pela juventude negra no futebol, têm origem nas práticas discriminatórias existentes no Brasil.

Os dados evidenciam que também os jovens negros são suscetíveis à idealização do imaginário da cordialidade e da visão paradisíaca do Brasil. O que explica que eles, os jovens negros, são o alvo do mito da democracia racial brasileira, que distorce a visão sobre condições concretas dos aspectos socioeconômicos e das práticas discriminatórias, muito peculiares ao racismo brasileiro (SANTOS; SANTOS; BORGES, 2005, p. 295).

Talvez seja este o cerne da questão: a compreensão de que o Brasil precisa de políticas públicas que não só elevem o nível de consciência de sua população, mas que crie, de fato, alternativas que modifiquem sua condição material. Enquanto isso se convive com a marca da exclusão social e da discriminação racial. E são os jovens negros historicamente, um dos grupos que mais sofrem com a discriminação e o preconceito.

(...) E é a juventude (semi-instruída, desempregada ou subempregada) dos centros urbanos dos países ricos e pobres que está, com mais frequência, envolvida nos conflitos étnicos, nacionais, raciais, culturais, lingüísticos e separatistas contemporâneos (BORGES, 2002, p. 39).

Neste sentido, mais uma vez reafirmamos a importância de discutirmos a participação dos jovens negros no mundo dos esportes e de que forma a questão racial se manifesta neste ambiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: n. 5/6, 1997.
- BOLTANSKJ, L. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Graal, 1974.
- BORGES, Edson. **Racismo Preconceito e Intolerância**. São Paulo: Atual, 2002.
- BROOKE, Nigel. Perspectivas dos Estudos Negro e Educação. In: **Cadernos PENESB**, n. 4. Niterói: EdUFF, 2002.
- CARMO, A. A. **Educação Física: competência técnica e consciência política em busca de um movimento simétrico**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.
- CARMO, P. C. **Culturas da Rebeldia: a juventude em questão**. São Paulo: Editora Senac, 2001.
- CARRANO, P. C. R. Juventude: as identidades são múltiplas. **Movimento: Revista da Faculdade de Educação da UFF** (Juventude, Educação e Sociedade). Rio de Janeiro: n. 01, 2000.
- _____. **Jovens na cidade**. Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade, Ano 1, n. 1, 2001. Disponível em <http://www.uff.br/obsjovem>. Acesso em 15 junho de 2003.
- COSTA, Marilane Alves. **A Pequena burguesia negra cuiabana – Um estudo sobre a formação de sua consciência política**. 2004, Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Cuiabá, 2004.
- CUNHA JR. Henrique. **Textos para o movimento Negro**. São Paulo: Edicon, 1992.
- CUSTÓDIO, Adolfo Martins. **O futebol brasileiro como instrumento para inclusão social do negro**. Editora UCG, 2004.
- D'ADESKY Jacques. **Pluralismo Étnico e Multiculturalismo - Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2001.
- DAOLIO, J. **Cultura: educação física e futebol**. Campinas: Editora UNICAMP, 2. ed., 2003.
- DE PAULA, Adilton. **Racismo no Brasil: Percepções da Discriminação e do Preconceito Racial do Século XXI**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.
- DIDONET, Vital. **Plano nacional de educação (PNE)**. Brasília: Editora Plano, 2000.
- FERRAZ, Osvaldo Luiz. **O esporte, a criança e o adolescente: consensos e divergências**. In **Esporte e Atividade física na infância e adolescência: Uma abordagem multidisciplinar**.

Dante de Rose Júnior e colaboradores. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

FILHO, Mário. **O negro no Futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2. ed., 1964.

FREIRE, Paulo. Educação permanente e as cidades educativas. **Política e Educação: ensaios.** Coleção questões de nossa época; v. 23. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUIMARÃES, A. S. A. **Classe, raça e democracia.** 34. ed. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2002.

IANNI, OTAVIO. **Raças e Povos.** In: A Era do Globalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

KORSAKAS, Paula. **O esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa** In: Esporte e Atividade física na infância e adolescência: Uma abordagem multidisciplinar. Dante de Rose Júnior e colaboradores. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

LEVER, Janet. **A Loucura do Futebol.** Rio de Janeiro: Record, 1983.

MARX, Karl. **Ideologia Alemã.** 8. ed. São Paulo: Editora Aucitec, 1991.

MORGADO, Maria A.; MOTTA, Manoel F. V. **Educação da juventude em Mato Grosso: impasses e perspectivas político-pedagógicas.** Cuiabá, PPGE/IE/UFMT, 2003 (mimeo).

MOTTA, Manoel Francisco de V. Estudos e Pesquisas Sobre Relações Raciais e Educação no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. In: **Cadernos PENESB, N. 4.** Niterói: EdUFF, 2002.

MOURA, C. Dialética Radical do Negro no Brasil. **São Paulo: Ed. Anita Ltda, 1994.**

OLIVEIRA, Iolanda (org). **Relações Raciais e Educação: Temas Contemporâneos.** Niterói: Ed. EdUFF, 2002.

PAES, Roberto Rodrigues. **A pedagogia do esporte e os jogos coletivos.** In: Esporte e Atividade física na infância e adolescência: Uma abordagem multidisciplinar. Dante de Rose Júnior e colaboradores. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PETRUCCELLI, José Luis. **A Cor Denominada: um estudo do suplemento da Pesquisa Mensal de emprego de julho de 1998.** Textos Para Discussão. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

PRISZKULNIK, Léia. **A criança que a psicanálise descortina: algumas considerações.** In: Esporte e Atividade física na infância e adolescência: Uma abordagem multidisciplinar. In Dante de Rose Júnior e colaboradores. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

ROSE JR. Dante. **A criança, o jovem e a competição esportiva: considerações gerais.** In: Esporte e Atividade física na infância e adolescência: Uma abordagem multidisciplinar. Dante de Rose Júnior e colaboradores. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

SÀ GONÇALVES, Vanda Lúcia. **Tia Qual é meu desempenho?** Dissertação (Mestrado em Educação) – UFMT, PPGE, Cuiabá, 2006, (mimeo.).

SANTOS, Andrea. **Trajetória de volta à escola de jovens negros e jovens negras na educação de jovens e adultos em Cuiabá – MT: manifestações de consciência política e étnica.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação. PPGE, Cuiabá, 2005.

SANTOS, SANTOS; BORGES, A **Juventude Negra.** In: Retratos da juventude brasileira – Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

TEIXEIRA, Moema De Poli. **Negros na Universidade.** Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

TUBINO, Manoel José Gomes. **História da Educação Física.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

VALENTE, Ana Lúcia. **Ser Negro no Brasil Hoje.** São Paulo: Moderna, 1994.

VIEIRA, José Jairo. **Paixão Nacional e Mito Social: A Participação do Negro no Futebol. Profissionalização e Ascensão Social.** Tese em Ciências Humanas: Sociologia, 2001, (Instituto Universitário e Pesquisa do Rio de Janeiro).

WINTERSTEIN, Pedro. **A motivação para a atividade física e para o esporte In: Esporte e Atividade física na infância e adolescência: Uma abordagem multidisciplinar.** Dante de Rose Júnior e colaboradores. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.